

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

ISSN: 2595-1661

Tramitação Editorial:

Data de submissão (recebimento): 10/08/2019.

Data de reformulação: 10/09/2019.

Data de aceitação (expedição de carta de aceite): 10/10/2019.

Data de disponibilização no site (publicação): 10/11/2019.

Editor Responsável: Me. Jonas Rodrigo

O USO DA RITALINA® (METILFENIDATO) PARA O DESEMPENHO ACADÊMICO¹

The use of ritaline® (methyphenidate) for academic performance

*Dra. Juliana Oliveira de Toledo²
José Leonardo Neto³
Marcos Suel Miranda da Silva⁴
Matheus Leonardo Sousa⁵
Suelen Fernandes Gontijo⁶*

¹ © Todos os direitos reservados. A Revista JRG de Estudos Acadêmicos, bem como a Editora JRG (mantenedora do periódico) não se responsabilizam por questões de direito autoral, cuja responsabilidade integral é do(s) autor(es) deste artigo. A revisão linguística e metodológica deste artigo foi feita pelo(s) autor(es) deste artigo.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - FS/UnB. Mestre em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília-DF. Especialista em Saúde Pública e PSF- pela Universidade Castelo Branco- RJ. Graduada em Farmácia/Bioquímica e em Biomedicina pela PUC/Goiás. Professora substituta e Supervisora de Estágio I do Curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia/UNB em 2014. Possui experiência de 10 anos na área acadêmica atuando em docência e pesquisas financiadas pelo CNPq e FAP-DF. Exerceu coordenação de Curso de Farmácia por dois anos na IES - Faculdades LS, assim como a coordenação das atividades de extensão. Atualmente, docente no Curso de Graduação em Biomedicina e FARMÁCIA do Centro Universitário do Distrito Federal - UDF – 2019.

³ Graduando no curso de farmácia pela UDF – Universidade do Distrito Federal

⁴ Graduando no curso de farmácia pela UDF – Universidade do Distrito Federal

⁵ Graduando no curso de farmácia pela UDF – Universidade do Distrito Federal

⁶ Graduando no curso de farmácia pela UDF – Universidade do Distrito Federal

Resumo

O uso indiscriminado de psicoestimulantes entre estudantes universitários se tornou comum em busca de maior desempenho cognitivo. Um desses psicoestimulantes é o cloridrato de metilfenidato, conhecido comercialmente por Ritalina®. O objetivo deste artigo é apresentar a prevalência do uso de Ritalina® por acadêmicos de uma instituição de ensino superior, entre os meses de agosto a novembro de 2019. Foram abordados 144 estudantes de vários cursos, principalmente de ciências da saúde (Farmácia, Enfermagem, Veterinária, Educação Física, Odontologia e outros) de uma Instituição de Ensino Superior (IES). Os resultados mais relevantes mostraram que é prevalente o uso de Ritalina® entre estudantes da área de saúde, com faixa etária entre 22 e 27 anos, que admitiram conseguir o medicamento sem prescrição, com amigos, parentes, médicos e, também, com farmacêuticos. Apesar da revisão literária mencionar que os prejuízos ao usuário podem ultrapassar os limites da piora no desempenho cognitivo, o uso indiscriminado se mostrou prevalente entre estudantes dos 3º, 4º e 5º períodos (semestres) dos cursos de saúde. Considerando os resultados obtidos e a conduta incoerente de profissionais ao facilitar a aquisição da Ritalina®, espera-se que haja maior empenho de profissionais éticos e de órgãos fiscalizadores no intuito de inibir a distribuição desse e de outros psicoestimulantes sem a devida prescrição de profissionais competentes.

Palavras-chave: Ritalina. Desempenho acadêmico. Curso superior.

Abstract

The indiscriminate use of psychostimulants among college students has become common in pursuit of higher cognitive performance. One such psychostimulant is methylphenidate hydrochloride, commercially known as Ritalin®. The aim of this paper is to present the prevalence of Ritalin® use by academics of a higher education institution, between August and November 2019. 144 students from various courses, mainly health sciences (Pharmacy, Nursing, Veterinary, Physical Education, Dentistry and others) of a Higher Education Institution (HEI). The most relevant results showed that the use of Ritalin® is prevalent among health students, aged 22 to 27 years, who admitted to get the drug without prescription, with friends, relatives, doctors and also with pharmacists. Although the literature review mentions that harm to the user may exceed the limits of worsening cognitive performance, indiscriminate use was prevalent among students from the 3rd, 4th and 5th semesters of health courses. Considering the results obtained and the inconsistent conduct of professionals in facilitating the acquisition of Ritalin®, it is expected that there is a greater commitment of ethical professionals and supervisory bodies in order to inhibit the distribution of this and other psychostimulants without the proper prescription of competent professionals.

Keywords: Ritalin. Academic achievement. Higher course.

Introdução

O caminho certo para estudar e aprender mais rápido e melhor difere entre os autores de livros e de técnicas mnemônicas e elaboração de diagramas, quadros sinópticos entre outros. Mas, em se tratando de turbinar o cérebro, há quem prefira se arriscar usando estimulantes, ou melhor, psicoestimulantes. Dos estimulantes cerebrais comuns, o mais difundido entre estudantes é a Ritalina®, um psicoestimulante indicado principalmente para crianças e adolescentes que apresentam atenção dispersa. O uso da Ritalina® (cloridrato de metilfenidato) é bastante questionado na comunidade farmacêutica, pois é um fármaco que atua

melhorando as atividades de algumas partes do cérebro pouco ativas. Assim, atua principalmente nos casos de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade ou transtorno hipercinético, também conhecido como (TDAH) – que é um distúrbio de comportamento encontrado comumente em crianças e adolescentes – como também para pessoas saudáveis para melhorar as funções cognitivas (1).

Em contrapartida, o uso da Ritalina® em longo prazo gera dependência química. Por isso, o efeito intenso e surpreendente dos primeiros dias de uso da droga desaparece em pouco tempo, o que leva a aumentar a dose, logo, o seu uso é restrito, controlado e acompanhado por especialistas, pois o consumo irregular pode desenvolver um quadro de piora da atenção e das habilidades cognitivas, podendo incorrer, até mesmo, em surtos com risco de suicídio (2).

Embora a Ritalina® seja de uso restrito – por ser uma medicação que exige receita especial, amarela, do tipo “A” – (3) – o uso por automedicação tem se tornado mais comum. No afã de se superar em provas escolares ou para concursos públicos, como o da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) entre outras, estudantes, ignorando os danos que podem advir do abuso de psicoestimulantes, exageram na dose e na frequência. Embora o uso da Ritalina® como estimulante cerebral ofereça vantagem no início, o uso abusivo, de forma desorientada e indiscriminada pode gerar consequências graves aos seus usuários (2).

O cloridrato de metilfenidato (Ritalina®) foi sintetizado em 1944 por Leandro Panizzon, um químico da então CIBA, empresa farmacêutica da Suíça. Panizzon, após testar em si a substância, sem sucesso, experimentou em sua esposa, Marguerite, cujo apelido era Rita, que sofria de hipotensão. Marguerite, após consumir a substância relatava um efeito energizante, consumindo regularmente antes de seus treinos de jogos de tênis. Em 1954, a substância foi patenteada em homenagem à sua esposa, recebendo o nome de *Ritalin*, passando a ser comercializada como um psicoestimulante de nível leve. No ano seguinte, o *Ritalin* foi aprovado pela FDA e introduzido no mercado americano em 1956 (4).

Há controvérsias quanto ao uso ilícito e abusivo de Ritalina®, colocando em debate a questão da funcionalidade no âmbito da cognição e, por outro lado, da integridade e moral de quem faz uso ilícito. Certo é que, independente dos argumentos, o uso de psicotrópicos deve ser gerenciado por prescritores devido ao grande risco de danos à saúde mental do paciente ou de quem faz uso indiscriminadamente (1).

Diante da descrição acima, este artigo tem, como objetivo, apresentar a prevalência do uso de Ritalina® por acadêmicos de uma instituição de ensino superior, entre os meses de agosto a novembro de 2019.

Metodologia

Essa pesquisa compreende uma metodologia composta de um estudo exploratório e uma pesquisa quantitativa. Foi feita uma pesquisa online / ocular, tendo como alvo estudantes de uma instituição de ensino superior (IES), que fazem ou não uso da Ritalina® (metilfenidato). Sendo utilizados gráficos de coluna e tabelas para representação dos dados coletados com base em respostas do questionário aplicado para os acadêmicos, através da plataforma Google Forms (2019), no período de agosto a novembro de 2019.

Após a assinatura virtual do termo consentimento livre esclarecido (TCLE) foram elaboradas quinze perguntas relacionadas ao uso da Ritalina®. Cento e quarenta e quatro (144) estudantes foram investigados para a realização deste projeto. Em cumprimento ao protocolo, este projeto foi submetido ao comitê de ética

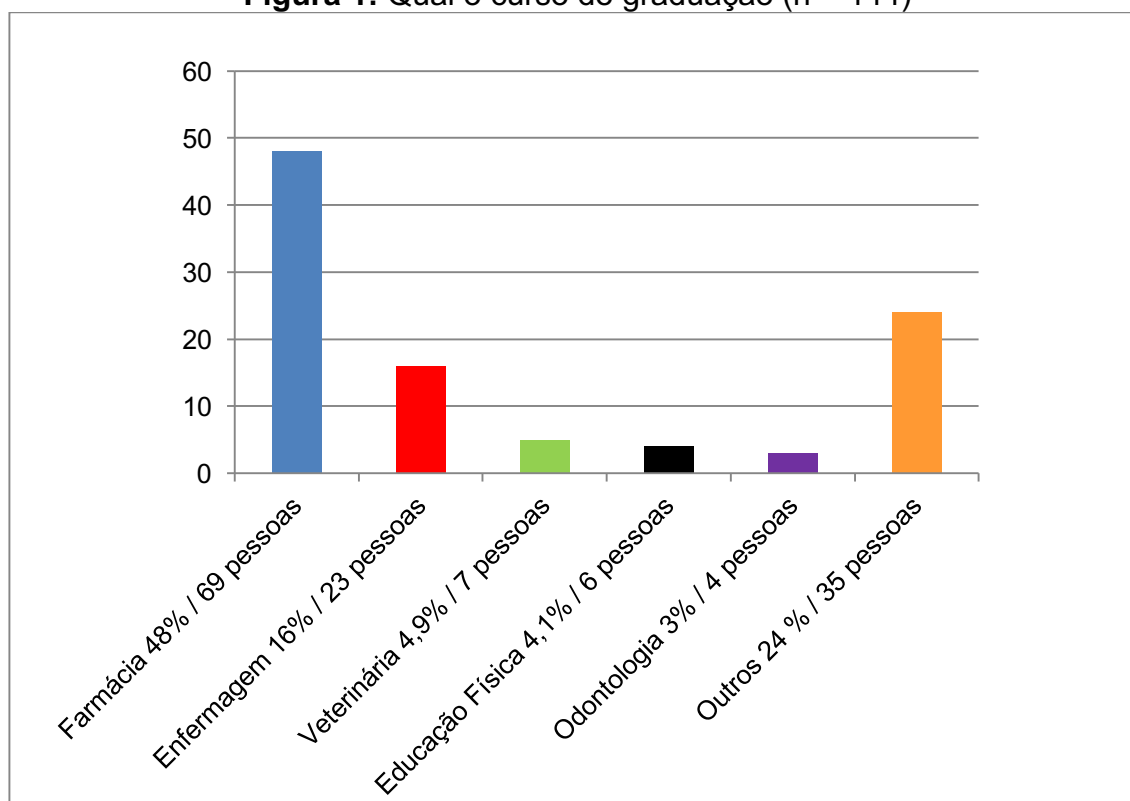
sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 25825419.1.0000.5650, conforme reza a Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional e Saúde (5).

Abaixo faz-se a apresentação e análise dos dados coletados seguida das conclusões.

Resultados e discussão

Os resultados aqui apresentados são exibidos em forma de gráficos – doravante denominados de figuras – e tabelas seguidos de comentários pautados em resultados de outras pesquisas e a esses comparados.

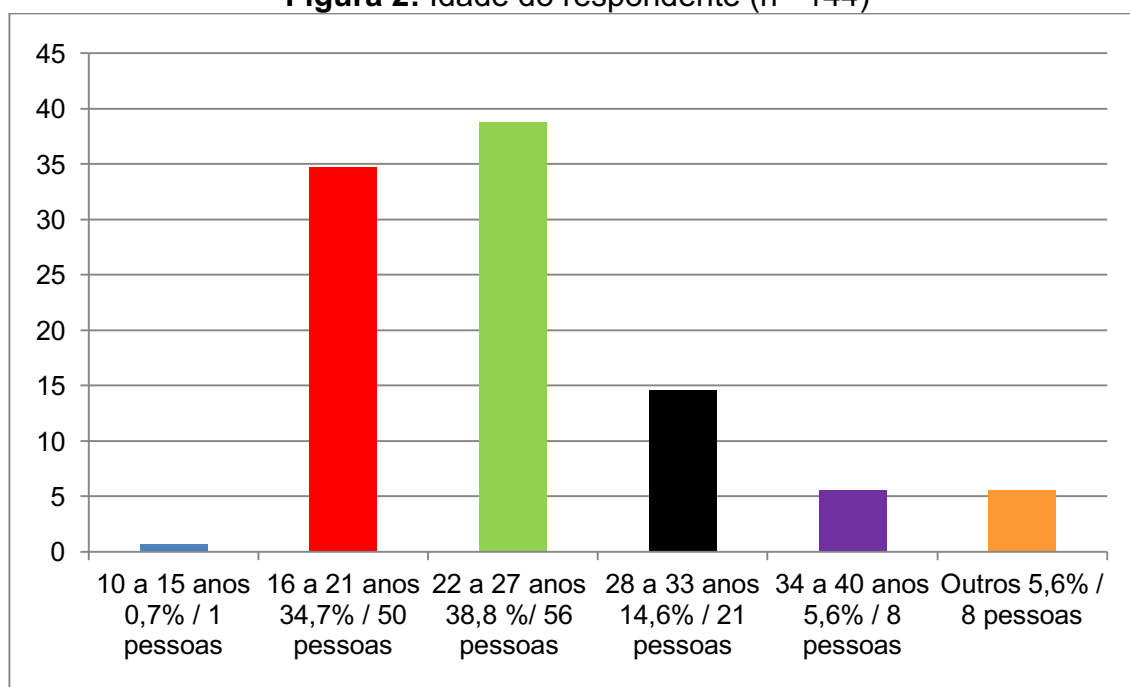
Figura 1: Qual o curso de graduação (n = 144)



A pesquisa foi realizada com estudantes de vários cursos superiores, dos quais pode-se perceber que a maioria é da área da saúde, sendo Farmácia o curso com o percentual de maior importância, totalizando 48% (n = 69).

A predominância de pessoas da área da saúde que fazem uso de Ritalina® é explicada pela familiaridade que têm com a droga. As categorias que mais fazem uso indiscriminado dessa droga são estudantes universitários, empresários e profissionais da saúde, porquanto têm mais conhecimento sobre a droga do que a maioria da população (2). Logo, os dados da Figura 1 são corroborados pelos resultados do estudo mencionado.

Figura 2: Idade do respondente (n =144)



A Figura 2 representa a quantidade e percentual de respondentes para idade, os quais declararam ter entre 10 e 40 anos. Os respondentes com idade entre 22 e 27 anos representaram o maior percentual (38,8%), com 56 pessoas.

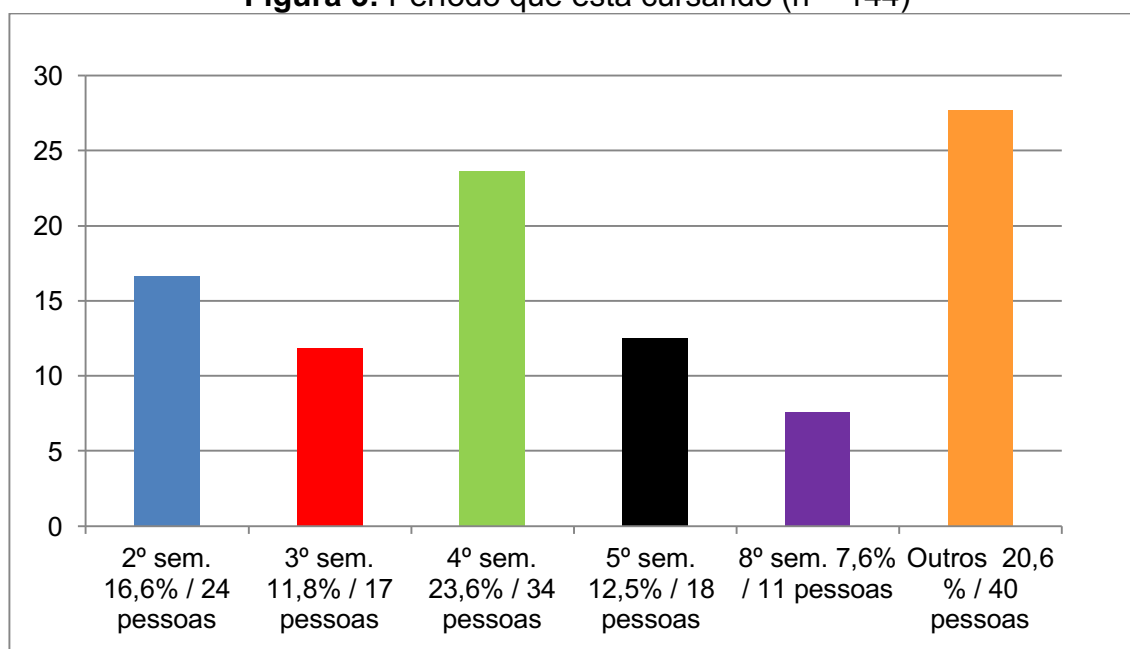
Embora os estudos encontrados não tenham realizado pesquisa com respondentes menores de 18 anos, foi encontrada faixa etária entre 18 e 25 anos. De todo modo, abrange a faixa etária da maioria encontrada nesta pesquisa, conforme acima (entre 22 e 27 anos). Nesse sentido, um estudo cujo objetivo foi avaliar o comportamento e o funcionamento do cérebro sob uso ocasional dessas drogas, de jovens entre 18 e 25 anos de idade, estes admitiram ter usado anfetaminas e, principalmente, a Ritalina® nos últimos seis meses do ano 2018 (2).

Outro estudo, desta vez realizado numa universidade do Rio Grande do Sul (6) mostrou maior incidência de uso de drogas psicoestimulantes, tal como a Ritalina®, entre jovens com idade de 22 a 25 anos, com 37%, ficando entre a faixa etária de 18 a 21 (17,4%) e a de 26 a 37 anos (31,6%).

Há, portanto, semelhanças entre os dados relacionados à faixa etária de jovens que admitem usar psicoestimulantes para obter melhores resultados na carreira acadêmica.

Tão importante quanto a idade do respondente é o período do curso. A Figura 3 mostra os resultados obtidos na pergunta sobre qual período o respondente está cursando.

Figura 3: Período que está cursando (n = 144)



Foram encontrados estudantes de diferentes períodos dos diversos cursos superiores. Foram detectados vários percentuais relevantes, como: 2º semestre 16,6% (n = 24); 3º semestre, 11,8% (n = 17); 4º semestre, 23,6% (n = 34); 5º semestre, 12,5 (n = 18) e, 8º semestre, 7,6% (n = 11), que fazem uso da Ritalina® buscando melhor desempenho em provas independentemente do semestre que estejam cursando. Nota-se o destaque para os estudantes do 4º semestre, com 34 respondentes. Os “outros”, representando 20,6% (n = 40) englobam o 1º, 6º e 7º semestres, que foram pouco representados.

A busca por melhor desempenho nos estudos por meio de uso indiscriminado de Ritalina® e outros psicoestimulantes também foi constatada numa pesquisa em uma universidade do Rio Grande do Sul, entre estudantes de Medicina (6). Os autores investigaram estudantes do 1º ao 4º ano (primeiro ao oitavo semestres), dos quais, a maior incidência foi sobre o 3º ano (equivalente aos quinto e sexto semestres), com 44,9%. Os demais – do 1º, do 2º e do 4º ano – foram representados por 15,4%, 23,1% e 36,2%, respectivamente.

Equiparando os resultados da pesquisa mencionada acima (6) com esta, nota-se que, nesta, a maior incidência de uso de drogas psicoestimulantes ocorre no 4º semestre, enquanto naquela, o maior percentual encontrado está no 3º ano (equivalente ao 5º e 6º semestre dos cursos dos respondentes desta pesquisa). Em outras palavras, há uma sutil diferença de um semestre. Outras observações relevantes são: os respondentes daquela pesquisa são estudantes de Medicina, enquanto os desta são de várias áreas da saúde (Farmácia, Enfermagem, Veterinária, Educação Física, Odontologia e outros); e, nesta pesquisa foi perguntado apenas sobre o uso de Ritalina®, naquela, foi questionado o uso de vários psicoestimulantes, inclusive a Ritalina®.

Quanto às Regiões brasileiras, a Região Centro-Oeste destacou-se na pesquisa em razão desta ter sido realizada entre estudantes do Distrito Federal. Estes foram representados por 86,2% (n = 124). Nesse sentido, embora não haja uma relação direta com o uso indiscriminado de Ritalina® por estudantes, o Distrito Federal apresentou o maior consumo deste medicamento em 2011, com mais de 114 mil caixas desse medicamento para cada mil crianças, representando cerca de 30% no aumento do consumo, quando comparado 2009 a 2011 (7).

Esses dados podem estar relacionados ao consumo de Ritalina® por respondentes que admitiram conseguir o medicamento com amigos e parentes, conforme dados da Figura 7, mais adiante. Os dados, tanto desta pesquisa quanto da Anvisa (7), despertam a atenção para um questionamento sobre o motivo pelo qual o Distrito Federal representa o maior percentual de estudantes que usam esse medicamento para melhorar as habilidades cognitivas.

No que diz respeito a conhecer a Ritalina®, a Tabela 1 mostra que a maioria dos respondentes admite conhecê-la.

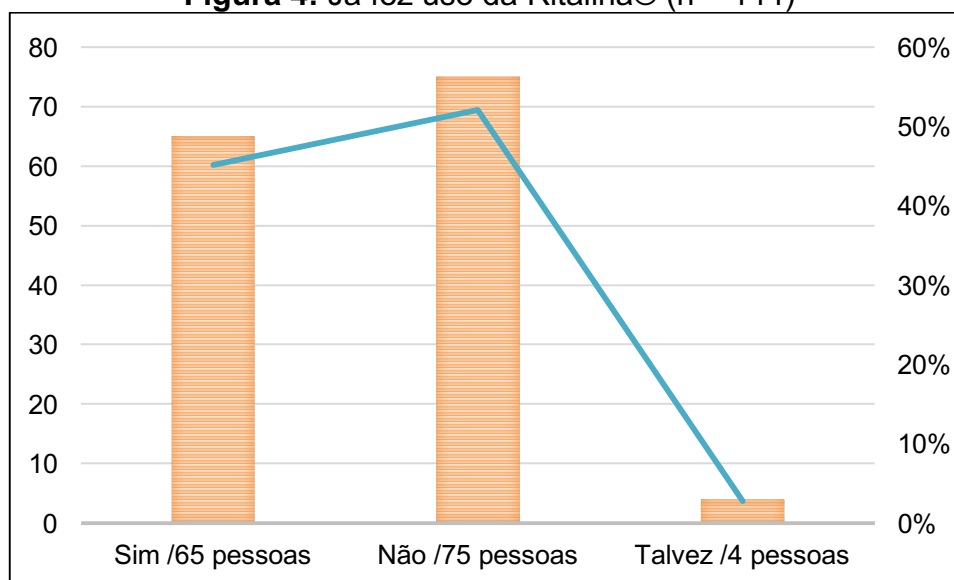
Tabela 1: Quantos respondentes admitem conhecer a Ritalina® (n = 144)

Opção	Quantidade	%
Sim	110	76,3%
Não	34	23,7%
Total	144	100%

É consideravelmente alta a quantidade de respondentes que admitem conhecer essa droga, chegando a 76,3% (n = 110). O maior público que deveria conhecer a Ritalina®, pela força da necessidade, seria composto por pacientes, entretanto, muitas pessoas saudáveis também o conhecem e fazem uso indiscriminado (1).

Apesar de a maioria admitir ter conhecimento dessa droga, os dados seguintes, sobre quantos fazem uso do medicamento sem prescrição médica, mostram que menos da metade destes afirmam que já usaram, conforme a Figura 4.

Figura 4: Já fez uso da Ritalina® (n = 144)



Nesta figura, os universitários que responderam “Talvez” poderiam ter uma influência para mais ou para menos, caso tivessem optado por “Sim” ou “Não”, possibilitando um maior direcionamento da pesquisa. Mas, o “Não” teve maior representatividade, com 52 % (n = 75) dos respondentes. Em outras palavras, o fato de admitir que conhece a droga, não inclui aceitar que a utiliza indiscriminadamente.

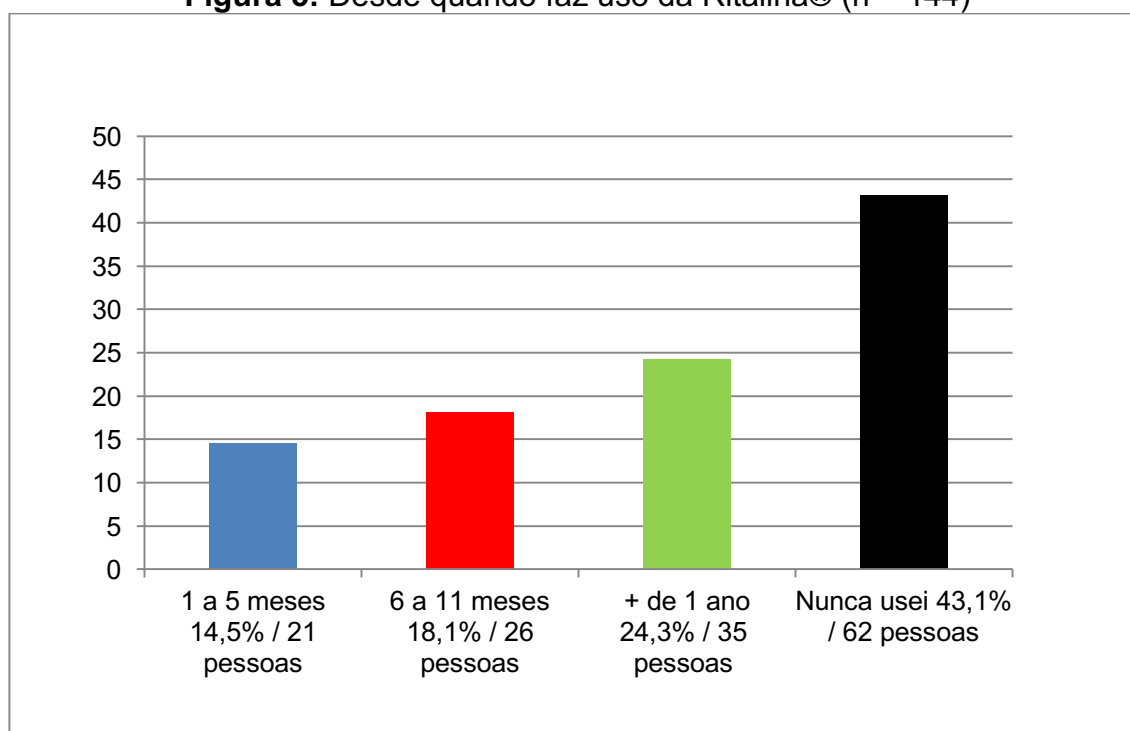
Mesmo assim, embora estes respondentes não sejam do curso de Medicina, e sim, de outros cursos da saúde, um estudo com estudantes de Medicina mostrou que

um em cada três já usou, não só Ritalina®, mas, também, outros psicoestimulantes para melhorar as habilidades cognitivas (6).

Fica claro que, na pesquisa com os estudantes de medicina, o uso indiscriminado de psicoestimulantes ultrapassa os 50% de usuários. Isso implica em deduzir que, quanto mais se conhece e tem acesso a esses medicamentos, em razão da área de formação, maior é o consumo sem prescrição.

Mas, especificamente falando de uso de Ritalina® entre estudantes, mencionado, a propósito, neste parágrafo, a Figura 5 mostra o tempo de uso por parte desses estudantes.

Figura 5: Desde quando faz uso da Ritalina® (n = 144)



Quando perguntados a quanto tempo fazem uso de Ritalina®, 43,1% (n = 62) afirmaram nunca ter usado. Por outro lado, entre os que admitem ter usado, 24,3% (n = 35) usam há mais de 1 ano e os que usam a menos tempo (1 a 5 meses) representam 14,5% (n = 21).

Mas, comparando os dados da Figura 5 com os da Figura 4, depara-se com uma situação contraditória. Na pergunta sobre se já fez uso de Ritalina®, 52% (n = 75) responderam “Não” e 3% (n = 4) responderam “Talvez”. Ao responder à pergunta sobre desde quando faz uso da droga, somando os percentuais dos que admitiram usar desde 1 mês até mais de 1 ano, chegam ao percentual de 56,9% (n = 82). Obtém-se a diferença de 4,9% (n = 7), sem inserir os que responderam “Talvez” que daria uma diferença de 7,9% (n = 11).

É dedutível que alguns respondentes ficaram inseguros quanto às respostas ou desatentos na hora de responder.

Em outro estudo com estudantes de medicina (6), essas informações representaram 5,5% (n = 11) entre os que usavam a Ritalina® no momento da pesquisa; destes, 64% (n = 7) admitiram ter iniciado o uso durante o curso. Do total de 200 estudantes, 20% (n = 40) admitiram usar Ritalina® durante a vida. Em

comparação com esta pesquisa, esse estudo apresenta um percentual maior de admissão no uso da referida droga durante o curso.

A cada momento nota-se que o uso indiscriminado de Ritalina® se torna comum entre estudantes da área de saúde. Entretanto, há os que admitem fazer uso dessa droga apenas em véspera de provas, como demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2: Fazem uso da Ritalina® somente em véspera de provas (n = 144)

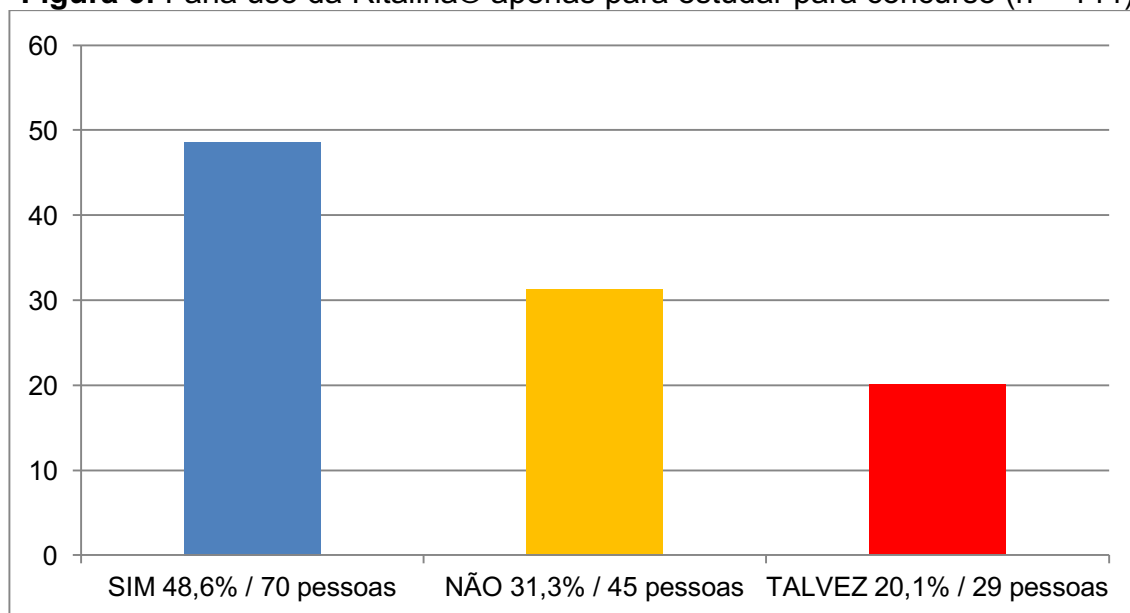
Opção	Quantidade	%
Sim	89	61,8%
Não	55	38,2%
Total	144	100%

Os respondentes que admitem usar a Ritalina® apenas em véspera de provas, representam 61% (n = 89) contra 38,2% (n = 55) que fazem uso da droga mesmo fora de época de provas.

Estes resultados corroboram com uma afirmação encontrada em outro estudo (2) cujos autores admitem ser comum relatos de jovens que admitem passar noites estudando para provas, sob efeito de Ritalina®, prática essa conhecida por “doping mental”. Em geral, os usuários dessa droga desconhecem os efeitos colaterais e indesejados decorrentes de seu uso exagerado e indiscriminado.

As perguntas foram se afinando e a seguinte questão indaga sobre quantos fariam uso da Ritalina® apenas para estudar para concursos públicos. Muitos respondentes demonstraram relativo interesse em usar esse medicamento nessa situação, conforme exibe a Figura 6.

Figura 6: Faria uso da Ritalina® apenas para estudar para concurso (n = 144)

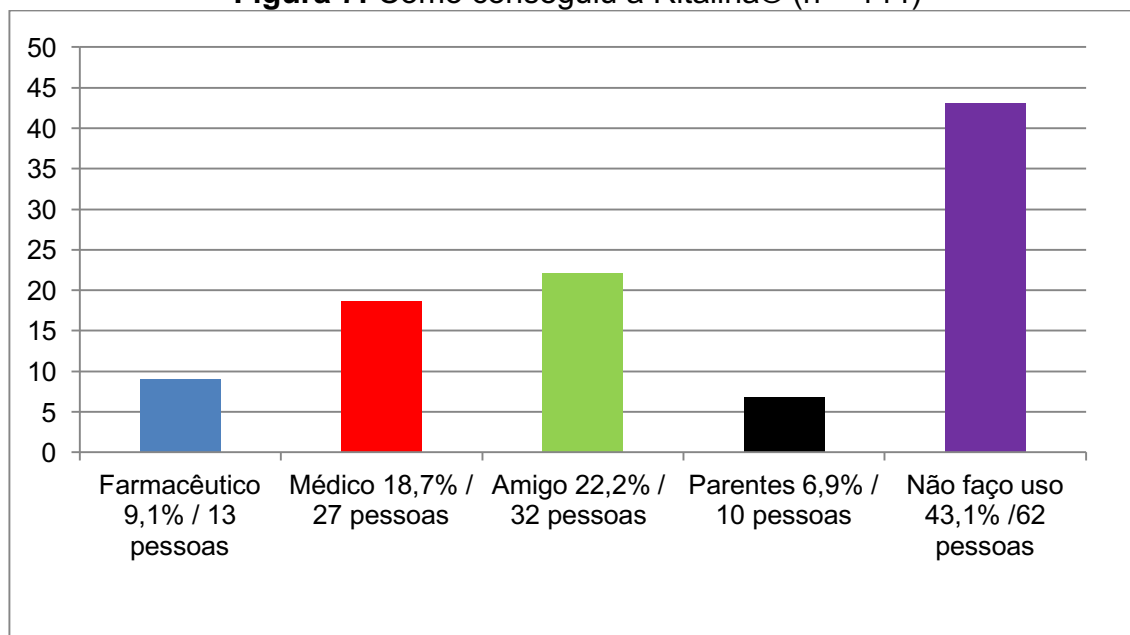


Somando o “Sim”, representado por 48,6% (n = 70) com o “Talvez”, com 20,1% (n = 29), tem-se 68,7% (n = 99). Entre admitir e deixar dúvida, é provável que a maioria use a Ritalina® para estudar para concursos. Com isso pode-se entender que a maioria dos respondentes se sente mais segura para realizar provas de concursos fazendo o uso da Ritalina®.

Nesse segmento, a repercussão na mídia de que “concurseiros” e executivos usam essa substância para melhorar a performance nos estudos e no trabalho, pode contribuir para o aumento do consumo indiscriminado por força da influência (4).

Um grande problema relacionado ao consumo exagerado e sem prescrição médica encontra-se na facilidade com que usuários têm acesso à Ritalina®, como demonstra a Figura 7.

Figura 7: Como conseguiu a Ritalina® (n = 144)



De acordo com os respondentes que admitiram usar Ritalina® de modo autônomo, a maioria, ou seja, 22,2% (n = 32) conseguem com amigos, seguidos de 18,7% (n = 27) que conseguem com médicos e 9,1% (n = 13) afirmaram que farmacêuticos lhes fornecem a droga, enquanto 6,9% (n = 10) têm seus parentes como fornecedores. Os demais (43,1%) dizem não fazer uso.

Chama à atenção a facilidade com que os respondentes adquirem esse medicamento. Quanto aos parentes e amigos, deduz-se que estes sejam usuários acompanhados por médicos. Mas, quando se depara com médicos e farmacêuticos fornecendo Ritalina® indevidamente, tem-se um problema no campo da ética profissional.

O farmacêutico é um profissional que tem, entre suas muitas atribuições, o papel de educador que deveria advertir quanto aos riscos de automedicação, bem como da necessidade da receita médica de controle para aquisição de fármacos psicoestimulantes, tomando por parâmetro a Política Nacional de Medicamentos (8).

Mas, em vez disso, muitos profissionais da saúde estão sendo levados pela influência mercadológica de laboratórios farmacêuticos, praticando e alimentando uma cultura antiética de automedicação e de “empurroterapia”, visando ao lucro acima de tudo (8). Desse modo, a falta de ética encontra espaço bastante para imperar entre profissionais, contribuindo para o aumento de um contingente de pessoas tentando “levar vantagem”, uns no aspecto cognitivo, outros no financeiro.

Conclusão

Este estudo possibilitou comparar resultados encontrados na literatura sobre o uso indiscriminado de Ritalina® entre estudantes de vários cursos de nível superior, especialmente, da área de saúde, com a coleta de dados realizada entre os meses de agosto e novembro de 2019, com 144 estudantes de uma IES do Distrito Federal. Muitos dos respondentes admitiram ter conseguido a droga com profissionais de saúde, tais como médicos e farmacêuticos.

Entre os respondentes desta pesquisa, tanto quanto das pesquisas comparadas na análise dos resultados, ficou evidente a prevalência do uso de Ritalina®, bem como de outros psicoestimulantes, por jovens entre 22 e 27 anos de idade. A maioria estuda ciências da saúde e são dos períodos equivalentes ao 4º, 5º e 6º semestres.

O objetivo predominante declarado pelos estudantes, para o uso de Ritalina® foi se preparar para provas convencionais bem como para concursos públicos de emprego. Demonstrando preocupação apenas com resultados imediatos do efeito para o desempenho cerebral, os jovens usam essa droga, em geral, ignorando seus efeitos colaterais e indesejáveis que podem advir do uso indiscriminado e exagerado, embora entre eles houvesse estudantes de enfermagem, odontologia e farmácia, entre outros.

Os resultados desta pesquisa podem ser relevantes para incitar reflexões entre estudantes sobre os prejuízos que o uso indiscriminado de psicoestimulantes, sobretudo da Ritalina®, podem acarretar ao usuário que se automedica. Ficou claro na revisão da literatura, que, entre os danos, pode ocorrer piora do desempenho cognitivo e surtos psicóticos, podendo culminar em suicídio.

Diante da limitação e da incompletude deste artigo, identificou-se a necessidade de novas pesquisas que busquem investigar, por exemplo, a prevalência de suicídio entre pessoas que usam a Ritalina® de modo exagerado e indiscriminadamente.

Ademais, considerando que a aquisição da Ritalina® foi facilitada por profissionais, em conduta incoerente com a profissão, reforça-se a importância da educação, principalmente por parte dos farmacêuticos, bem como, de uma fiscalização rigorosa a fim de evitar exageros e prejuízos à saúde mental de pessoas desavisadas.

Referências

- 1 - Ortega, F., Barros, D., Caliman, L., Itaborahy, C., Junqueira, L., Ferreira, C.P. (Setembro 2010). A Ritalina no Brasil: produções, discursos e práticas. *Interface (Botucatu)*, 14(34), 499-512. Recuperado em 11 abril 2019, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832010000300003&lng=en&nrm=iso. Botucatu.
- 2 - Andrade, L.S., Gomes, A.P., Nunes, A.B., Rodrigues, N.S., Lemos, O., Rigueiras, P.O. (2018). Ritalina uma droga que ameaça a inteligência. *Revista de Medicina e Saúde de Brasília*. Recuperado em 11 abril 2019, de <https://bdtd.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/8810/5727>. Brasília.
- 3 - Anvisa. (1998). Portaria n.º 344, de 12 de maio de 1998. *Aprova o Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial*. Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde.

4 - Gonçalves, C.S., Pedro, R.M.L.R. (2016). “*Ele melhorou a performance dele dentro do colégio*”: nas controvérsias do consumo da Ritalina. Recuperado em 8 maio 2019, de

<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh9/SH/trabalhos%20orais%20completos/ELEMELHOROU.pdf>. Rio de Janeiro.

5 - BRASIL. Ministério da Saúde. (1996). *Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 196, de 10 de outubro de 1996*. Conselho Nacional de Saúde: Brasília.

6- Morgan, H.L., Petry, A.F., Licks, P.A.K., Ballester, A.O., Teixeira, K.N., Dumith, S.C. (2017). Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do Extremo Sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(1): 102-109. Recuperado em 8 maio 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v41n1/1981-5271-rbem-41-1-0102.pdf>. Minas Gerais.

7- Anvisa. (2013, Online). *Estudo aponta crescimento no consumo de metilfenidato*. Recuperado em 22 de novembro 2019, de http://portal.anvisa.gov.br/resultado-de-busca?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-

[1&p_p_col_count=1&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=2673362&_101_type=content&_101_groupId=219201&_101_urlTitle=estudo-aponta-crescimento-no-consumo-de-metilfenidato&inheritRedirect=true](http://portal.anvisa.gov.br/resultado-de-busca?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=2673362&_101_type=content&_101_groupId=219201&_101_urlTitle=estudo-aponta-crescimento-no-consumo-de-metilfenidato&inheritRedirect=true). Brasília.

8- Lopes, L.M.B., Gricoleto, A.R. L. (2011). Uso consciente de psicotrópicos: responsabilidade dos profissionais da saúde. *Brazilian Journal of Health*, 2(1): 1-14, Jan/Abr. <http://inseer.ibict.br/bjh/index.php/bjh/article/viewFile/70/81>.